
O JOGO IDEOLÓGICO E SEUS REFLEXOS NOS DISCURSOS DE MORADORES DE SEABRA SOBRE A MARCHA COLUNA PRESTES

JUCIMAR DE SOUZA VAZ¹

jucimarvaz@hotmail.com

RESUMO: A Presente proposta de trabalho parte da compreensão do discurso enquanto prática social, instância simbólica onde os sentidos se fazem na/pela história. Partindo desse pressuposto a Análise Crítica do Discurso não apenas descreve as relações ideológicas, confrontando os mecanismos da linguagem, como também evidencia suas contradições e silenciamentos. O objetivo deste estudo foi, portanto, fazer um estudo analítico e reflexivo sobre a passagem da Coluna Prestes no município de Seabra-Bahia e seus efeitos de sentido representados através de narrativas de três moradores locais que viveram esse momento histórico. Para tanto, utilizou-se dos pressupostos teóricos e metodológicos da Análise Crítica do Discurso (ACD) para compreender essas representações presentes na memória social e discursiva, bem como as relações de poder presentes neste campo político.

Palavras Chave: Coluna Prestes. Memória. Ideologia. Análise Crítica do Discurso. Seabra.

ABSTRACT: The present article proposal part of understanding of discourse while social practice, symbolic instance in which meanings are in / by history. The Critical Discourse Analysis not just describes the ideological relations, but also confronts the mechanisms of language and its contradictions and silencing. The objective was, therefore to make an analytical and reflexive study about the passage of the Coluna Prestes in the locality of Seabra, Bahia and its effects of meaning represented through narratives of three local residents who has lived that historical moment. To both, was used the theoretical assumptions and methodological of Critical Discourse Analysis to understand these representations in the memory social and discursive, as well the power relations present in this political field.

Key Words: Coluna Prestes. Memory. Ideology. Critical Discourse Analysis. Seabra.

¹Funcionário público municipal, Graduado em Letras pela UNEB CAMPUS XXIII (2014), residente em Seabra-Ba - Brasil. Artigo orientado pelo prof. Ms. Clebemilton Nascimento.

RESUMEN: La presente propuesta de trabajo parte de la comprensión del discurso como práctica social, instancia simbólica donde los sentidos se hacen en la historia. A partir de ese presupuesto el Análisis Crítico del Discurso no sólo describe las relaciones ideológicas, enfrentando los mecanismos del lenguaje, como también evidencia sus contradicciones y silenciamientos. El objetivo de este estudio fue, por lo tanto, hacer un estudio analítico y reflexivo sobre el paso de la Columna Prestes en el municipio de Seabra-Bahía y sus efectos de sentido representados a través de narrativas de tres moradores locales que vivieron ese momento histórico. Por lo tanto se utilizó los presupuestos teóricos y metodológicos del Análisis Crítico del Discurso (ACD) para comprender esas representaciones presentes en la memoria social y discursiva, así como las relaciones de poder presentes en este campo político.

Palabras Clave: Columna Prestes. Memoria. Ideología. Análisis Crítico del Discurso. Seabra.

Os estudos sobre a *Coluna Prestes* sempre estiveram no campo da historiografia, principalmente pela intrínseca relação nas suas abordagens acerca deste acontecimento histórico por envolver o homem em um determinado tempo e espaço. Nesse contexto, o presente trabalho apropria-se do evento que foi a *Coluna Prestes*, fazendo uma abordagem interdisciplinar com outros campos das ciências sociais numa perspectiva voltada para os estudos do discurso².

A proposta é analisar a passagem da *Coluna Prestes* na Bahia, mais especificamente em Seabra na Chapada Diamantina, representada através de narrativas de moradores do município de Seabra-Bahia acerca dos reflexos ideológicos articulados nos discursos desses sujeitos, naturalizados como prática social.

Para que fosse possível entender este acontecimento histórico numa outra perspectiva que não as contadas pelas instituições oficiais, foi imprescindível buscar diferentes fontes historiográficas para conhecer o objeto de estudo, que foi a passagem da Coluna Prestes, desde a sua formação até o término desse movimento histórico no País. Para tanto, fez-se necessário debruçar sobre escritores locais, regionais e os ditos canônicos da literatura historiográfica. Da mesma forma, também teve grande

² Segundo RAMALHO e RESENDE (2011, p.16) “Discurso é o movimento integrante e irreduzível das práticas sociais que envolvem a semiose/linguagem em articulação com os demais momentos das práticas: fenômeno mental, relações sociais e mundo material”.

contribuição os estudos da Análise Crítica do Discurso (linha inglesa) como suporte teórico e metodológico norteador.

Depois de uma extensa pesquisa em documentos históricos³, foram coletadas narrativas com moradores de localidades pertencentes ao município de Seabra-Ba como recorte focal do presente trabalho. Em seguida, o material coletado foi transcrito para assim fazer uma abordagem analítica e reflexiva sobre este acontecimento histórico à luz dos pressupostos teóricos e metodológicos da ACD.

DO MOVIMENTO TENENTISTA À COLUNA PRESTES

A política do “café com leite”⁴, (1889 a 1930)⁵, fez com que parte da população se revoltasse contra a conjuntura política, passando a ser questionada por parte da sociedade brasileira, mais precisamente nas regiões sul/sudeste do País. Um regime político adotado na República Velha que tomaria novos rumos, principalmente nos governos de República Artur Bernardes (1922-1926) e Washington Luís (1926-1930).

A conjuntura política no início da década de 1920 faz surgir o inconformismo e repúdio à República Velha e às classes dominantes por parte de alguns setores, a saber, os tenentes do exército e da marinha. Um movimento revolucionário a fim de acabar com os vícios da República Velha, que descumpriam os preceitos liberais da constituição de 1891, tais como: democratização política através do voto secreto, liberdade de imprensa e com o governo oligárquico de Artur Bernardes.

Em 1925 é dado início a marcha do movimento tenentista em São Paulo, conhecida como a *Coluna Paulista*, liderada pelo General Miguel Costa e Silva, oficial de maior patente. E no Rio Grande do Sul, as tropas gaúchas, lideradas por Luiz Carlos Prestes, conhecido mais tarde como “O Cavalheiro da Esperança”. Ambas saíram do sul em direção ao norte do Brasil. Pouco depois, os dois movimentos resolveram se unir.

O destaque de Prestes no comando das tropas gaúchas fez com que o Comandante Geral da Coluna, Miguel Costa, reconhecesse sua competência,

³ Foram pesquisados em dois jornais: Diário de Notícias e Diário da Bahia do ano de 1926 (acervo da biblioteca central em Salvador-Ba), bem como entrevistas com o próprio Luis Carlos Preste adquiridos através de vídeos (domínio público), livros historiográficos e escritores regionais.

⁴ O arranjo político que vigorou no período da Primeira República (mais conhecida pelo nome de República Velha), envolvendo as oligarquias de São Paulo (café) e Minas Gerais (leite) e o governo central no sentido de controlar o processo sucessório, para que somente políticos desses dois estados tivessem representatividade no cenário político no País.

⁵ Só será apresentado aqui o período da proclamação da república que se iniciou em 1889 até a marcha da Coluna Prestes iniciada com o movimento tenentista que se iniciou na década de 20.

entregando-o o comando da coluna, que passa a se chamar *Coluna Prestes*, imortalizada na história e memória.

O movimento durou dois anos e três meses, percorrendo cerca de 25 mil quilômetros através de treze Estados do Brasil, até que em fevereiro de 1927 toma a decisão de partir para o exílio na Bolívia. PRESTES (2009).

Um dos capítulos importantes do itinerário da *Coluna Prestes* se deu na Bahia em 1926. Ao saber dos “revoltosos” no estado da Bahia, devido aos boatos disseminados pelos principais meios de comunicação da época - os jornais e telégrafos - o presidente Arthur Bernardes solicita ajuda a Horácio de Mattos, Coronel de maior influência na região, para apoiá-lo nas ações contra a *Coluna Prestes*, o qual se dispôs a ajudar, e logo, segundo Lima (1979), essa ajuda recebe o nome de: *Batalhão Patriótico das Lavras Diamantinas* com sede na cidade de Lençóis-Ba, morada do Coronel Horácio de Mattos, o qual receberia também o apoio de outros coronéis da região e das forças legalistas de “São Paulo, Rio Grande do Sul, Alagoas e Piauí.” (LIMA, 1979, p. 293)

Essa passagem pela Bahia é noticiada por alguns veículos de comunicação do período.

..., na zona Diamantina, formidável luta entre os revoltosos e as forças do cel. Horácio de Mattos. (...) O grande caudilho sertanejo não esperou o ataque e, antes que os revoltosos se aproximassem, marchou sobre eles dando-se o encontro no município de Campestre, onde se trava, neste momento, formidável e renhida luta com perdas de lado a lado. (DIÁRIO DA BAHIA, nº 73, 01 de abril de 1926)

O percurso da *Coluna* pela Bahia teve grande relevância em Seabra e seus arredores. À medida que os revolucionários passavam pelas cidades e povoados, a população local, por não saber exatamente o objetivo da *Coluna Prestes* ou por onde iriam passar, via-se na necessidade de fugir em busca de proteção. Os boatos eram disseminados a respeito da *Coluna*: “os revoltosos vinham precedidos de uma fama tal

que ninguém compreendia a possibilidade de não fugir.” (MORAES, 1973, p.169 apud Auto Sertão da Bahia nº 52, 1926).

No pacato povoado de Água de Rega, município de Iraquara-Ba, o destacamento de Siqueira Campos foi recebido a bala pelas forças legalistas, “A luta mais renchida se está travando, neste momento, no lugar denominado ‘Água de Regra’[...]” (DIÁRIO DA BAHIA, 04 de Abr. 1926, n.75 p.1). Pelo que podemos ler dessas fontes documentais, o grupo deixa Água de Rega em direção ao povoado de Campestre, município de Seabra. Segundo (LIMA, 1979, p. 292), “a população de campestre fugira quase toda”, logo depois a *Coluna* segue para o povoado de Aranquã⁶, também município de Seabra, onde, segundo Moreira Lima (1979), foi recebida pacificamente pela população local.

Às margens do rio Cochó, a Coluna chega a Várzea de Caldas⁷, e mais tarde chega ao povoado de Furado Branco⁸ e Cochó do Malheiro⁹, “cuja população não se retirara” (LIMA, 1979. p.330). Nesse percurso, ela encontrou “legalistas” na maioria das cidades e nas imediações de Mucugê, de onde, “[...] varias famílias se retiraram (...) tendo a população masculina se preparado para resistência.” (Diário da Bahia, 08 Abr. 1926 nº 78 p.1). Pelo que se sabe, a partir da leitura das fontes, houve confrontos com as tropas legalistas, as quais impediram a entrada na sede, fazendo com que ela se deslocasse para as demais comunidades da Chapada Diamantina. Essa passagem pela região de Seabra é apresentada através de narrativas orais, sendo, portanto, principal fonte de pesquisa para este estudo. Dessa forma, serão feitas algumas considerações no tópico abaixo.

REVISITANDO AS TRILHAS DOS “REVOLTOSOS”

Histórias são narradas de diversas maneiras. As ouvidas para esse estudo transcendem o imaginário não só de quem as contam, mas também de quem as ouvem, são momentos do passado que deixaram marcas na memória¹⁰ de uma geração que se dispôs a narrar o que sabe.

⁶ Povoado pertencente ao município de Seabra, 32km da sede.

⁷ Povoado pertencente ao município de Seabra, 11km da sede.

⁸ Povoado pertencente ao município de Seabra, 25km da sede.

⁹ Povoado pertencente ao município de Seabra, 27km da sede.

¹⁰ Le Goff (2003) compreende a memória como “um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”.

O filósofo alemão Walter Benjamin (1994), ao discorrer sobre o narrador, tece várias considerações que nos permitem refletir sobre a importância de uma das mais antigas formas de expressão popular: o ato de narrar. Para o autor, a narrativa é uma experiência acumulada ao longo das vivências, e tem como matéria-prima o que se pode recolher da tradição oral. Na concepção de Benjamin, narrar é intercambiar experiências, é tecer um fio que se alimenta diariamente nos fios da memória, perfazendo uma rede construída com o tempo.

A construção discursiva presente no imaginário desses moradores sobre “os revoltosos” aparecia de forma predominantemente negativa. Nesse sentido, essa experiência torna-se um dado importante por estar presente nos relatos, impressões e experiências de moradores que não constam na historiografia oficial.

A ACD “É um tipo de investigação analítica discursiva que estuda principalmente o modo como o abuso de poder, a dominação e a desigualdade são representados, reproduzidos e combatidos por textos orais e escritos no contexto social”. (DIJK, 2012, p.113)

Na escolha dos informantes, deu-se preferência à idade acima de 80 anos, tanto pela proximidade que os mesmos tinham do acontecimento histórico, quanto por serem pessoas com um histórico de bons contadores de histórias indicadas por moradores que os conheciam.

As informações coletadas foram gravadas em áudio, vídeos e fotografias. Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas¹¹, transcritas em seguida para proceder às devidas análises, observando as normas de transcrição empregadas no Brasil¹². Na ordem dos primeiros contatos ao último será narrado, ainda que brevemente, o encontro com essas vozes.

O ENCONTRO COM OS SUJEITOS E SUAS VOZES

A memória discursiva está presente no imaginário das pessoas pela própria relação que estas se dão em dado convívio social. Assim, a memória ao surgir como uma forma estruturada a partir da materialidade discursiva e estendida numa dialética de

¹¹ São entrevistas sem uma sequência lógica de perguntas, apesar de terem as específicas e não específicas sobre o objeto de estudo.

¹² NORMAS DE TRANSCRIÇÃO. Disponível em: <http://www.concordancia.letras.ufjf.br/index.php?option=com_content&view=article&id=52&Itemid=58>. acesso em 05 de janeiro de 2013.

conteúdo heterogêneo, pode ser compreendida como algo já dito, naturalmente no campo do dizível, sem distinção conteudista, pois o ato discursivo é um ato naturalmente humano.

Desse modo, a memória passa a funcionar de acordo com os referenciais atribuídos às condições de produção e/ou interação entre um sujeito e outro. Nesse contexto, o intercâmbio entre duas ou mais lembranças ainda que de forma empírica, pode contribuir em dado campo semântico particular. Para este estudo, observa-se como a memória discursiva é evocada continuamente como uma corrente de pensamentos sobre a *Coluna Prestes*.

No primeiro contato, com marcas que dão nome as palmeiras fazem surgir Palmeirinha, povoado localizado a 11 km da sede¹³, com inúmeras residências. Nesta localidade, destaca-se o encontro com o Sr. Marcos¹⁴, 98 anos, sentado em um banco que parecia ser só dele de tão confortável que estava, como se estivesse à espera de visitas. A muleta descansando ao lado justifica a sua condição física, porém, um narrador com o dom da gesticulação, das onomatopéias, dando vida e voz aos personagens, por vezes um pensamento ao fundo antes de responder uma pergunta, enriquece o enredo na sua narrativa com muita naturalidade.

Os passos da pesquisa seguem em direção ao povoado de Malhada, localizado a 6 km da sede do município às margens da BR 242. Segundo Roberto, 96 anos, viúvo, pai de oito filhos, o povoado recebeu o nome de Malhada por fazer referência ao local para onde o gado era levado, “amalhador de gado”. Dá-se então, a aproximação para os primeiros contatos. A foice em seu ombro pressupõe-se que até então não parara de trabalhar. Lá está ele, embaixo de uma cabana de palha com assentos adaptados, entre troncos de madeira. Quando perguntado sobre o que sabe sobre o assunto, é modesto ao dizer que sabe pouco sobre a *Coluna Prestes*, em seu relato vê-se o contrário. Esta história para ele é muito particular, sabia muito acerca do fato.

Um pouco mais adiante, no povoado de Velame, 18 km da sede, indicaram uma conversa com Leandro, de 95 anos e sete filhos. Segundo esse entrevistado o nome do local está relacionado a uma pequena árvore, abundantemente encontrada naquele local

¹³ As distâncias dos povoados observadas neste trabalho foram marcadas pelo próprio autor deste artigo com o auxílio de um GPS - *Global Positioning System* (Sistema de Posicionamento Global).

¹⁴ Os nomes dos entrevistados foram preservados cabendo assim para eles nomes fictícios.

quando os primeiros habitantes chegaram por lá. Leandro traz a segurança na sua fala e uma lucidez invejável, isso tudo fez com que o entrevistador se sentisse tão à vontade no papel do pesquisador ao buscar no pesquisado a mesma relação.

O caminho percorrido revelou que a fala e a escuta são meios que possibilitam observar que todo ato discursivo vai além do real, simbólico e imaginário presente no discurso. Assim, estabelece-se uma relação entre o dito e o não dito. Logo, a fala e a escuta poderão fazer sentido ao revelarem o que está por trás do discurso.

Nesse contexto, a ACD, enquanto escolha teórica e metodológica para análise dessas narrativas, possibilitará a compreensão acerca do que está por trás dos discursos dos atores sociais pesquisados. Possibilita observar, seus efeitos ideológicos de sentidos a partir das suas condições de produção, visto que o discurso não apenas descreve ou confronta mecanismos da linguagem, como também evidencia contradições. Nesse sentido, pode-se afirmar que todo discurso é ideológico e a ACD se preocupa com os efeitos ideológicos de sentidos na linguagem através das práticas sociais¹⁵ materializadas no discurso.

A ACD é um campo teórico-metodológico de caráter heterogêneo pelas possibilidades de combinações de diferentes abordagens, tanto no campo linguístico, quanto das ciências sociais. Esta análise, de certa maneira, aventurar-se-á por uma postura interdisciplinar e dialógica com outros campos das ciências humanas. Contudo, essa escolha não será feita com a utilização de todos os conceitos que a ACD propõe. Dessa forma, serão abordados os conceitos de discurso e ideologia propostos por Ramalho e Resende (2011), poder em Van Dijk (2012) e prática social também a partir de Ramalho e Resende (2012).

Propõe-se, ainda, compreender as relações de poder hegemônico estabelecido a partir do abuso de poder¹⁶, gerador de desigualdades no espaço de interação social através das práticas discursivas nas que as relações estabelecidas com o campo simbólico¹⁷ estão presentes no campo do sentido e no campo político, contidas no texto para compreender o dito e o não dito por trás do discurso, notados na análise discursiva

¹⁵ Prática social aqui abordado “é uma dimensão intermediária que se situa entre as estruturas sociais mais fixas e as ações individuais mais flexíveis”. RAMALHO, RESENDE (2011, p.14)

¹⁶ O “Abuso do poder” é aqui apresentado, segundo DIJK (2012, p.88), como “uma propriedade de relações entre grupos, instituições ou organizações sociais.”

¹⁷ Elites simbólicas na perspectiva de Dijk exercem o poder com base no “capital simbólico” “...seu poder simbólico é também uma forma de poder ideológico” (DIJK. 2012, p.45).

as relações de dominação presentes. É o abuso do poder violando os direitos sociais e civis das pessoas por estarem privilegiados dentro das relações sociais enquanto prática, algo inerentemente circular, exclusivo e que funciona em cadeia.

Analisar os discursos à luz da ACD é conhecer as relações de poder presentes na linguagem. Logo, a análise dos discursos coletados será fundamentada com base no modelo tridimensional proposto por Fairclough (2001, p.10), assim analisadas a partir do texto, prática discursiva e a prática social: No texto, estão as práticas que representam a realidade, a partir das quais se analisa o vocabulário, gramática, a coesão e a estrutura textual. A prática discursiva é intermediadora entre o texto e a prática social. Nessa dimensão, analisa-se a produção, distribuição, consumo, o contexto, a força, a coerência e a intertextualidade. E, por fim, na prática social serão analisadas as ideologias, os sentidos, as pressuposições, metáforas e a hegemonia. Especial atenção será dada, ainda, para melhor tessitura da análise, os modos de operação da ideologia propostos por Thompson (1995) elencados em cinco: legitimação, dissimulação, unificação, fragmentação e reificação, todos são mecanismos de produção de controle do discurso.

Por fim, à luz da ACD, busca-se as estruturas opressoras que são desconhecidas, ou inconscientemente manejadas por estes atores sociais, bem como os motivos que contribuíram para tais representações a partir de uma análise crítica e reflexiva.

REVISITANDO NARRATIVAS SOBRE OS “REVOLTOSOS”

Nas narrativas pesquisadas foi possível observar como aparecem alguns personagens e a importância de cada um deles dentro do contexto histórico e social. A *Coluna Prestes*, ora nomeada de “revoltosos”, e os atores sociais (população local, algumas personalidades e os coronéis). São ideologicamente posicionados nas narrativas sobre três aspectos respectivamente: o inimigo que deve ser combatido, como assim é visto nos relatos por disseminar uma onda de terror por onde passava; os principais prejudicados na história, aqui posicionados tanto os moradores locais, quantos os próprios depoentes das narrativas; e as elites simbólicas, pessoas que ocupavam um lugar de destaque no âmbito político.

O termo “revoltoso” sugere um testemunho¹⁸ consensual de forma enfática e presente nas três narrativas sobre a *Coluna Prestes* escolhidas aqui para análise, pois reconstruem a partir de suas memórias o que sabiam, considerando as condições de produção assim presentes no tempo e contexto histórico, estão intrinsecamente relacionados para o diálogo que estabelecem uma relação contínua do que se conhece ao atribuir um termo por meio de lugares de falas diferentes. Logo, o termo “revoltoso” permite que se faça um passeio pelos outros sentidos ideologicamente atribuídos a ele, pois é compreensível para a formação discursiva, traçar sentidos em que este termo outrora foi articulado. “Palavras iguais podem significar diferentemente porque se inscrevem em formações discursivas diferentes”, (ORLANDI, 2005, p.44). Ao passo que o termo pode significar um ato violento a partir de todo um contexto intrinsecamente relacionado, de outro modo, pode atribuir a algo passageiro, um simples ato de revoltar-se, não necessariamente havendo violência e sim um estado de espírito.

Na narrativa de Roberto¹⁹, ao perguntar o que ele sabia sobre os “*revoltosos*” ele responde:

“...eu sei um pouco da revolta de vinte e seis... revoltoso
“inda²⁰ vieram aqui e deu um **topo** na Sussarana... inda
mataram uns... batiam outros...” (grifo nosso)

Observa-se tanto na perspectiva da confirmação dos fatos construídos por ele, como aparece no fragmento segundo a própria historiografia²¹ acerca da “*revolta de vinte e seis*”, quanto ao uso do termo “revoltoso”, que, dentro dessa construção discursiva, destaca-se por ser um ato, ação ou resultado de revoltar-se; rebate de inimigo²², o qual, solto na construção discursiva tem sentido generalizado. Entretanto, é

¹⁸ Um conceito utilizado por GAGNEBIM (2006, p. 57) “Não seria somente aquele que vai com seus próprios olhos, o *histor* de Heródoto, a testemunha direta. Testemunha também seria aquele que não vai embora, que consegue ouvir a narração insuportável do outro e aceita que suas palavras levem adiante, ...”.

¹⁹ Depoente de 96 anos, morador da Malhada, entrevista realizada em 23/09/2011.

²⁰ Ainda.

²¹ Autores como: MORAES (1973), PRESTES (2009), BANDEIRA (2013), AMADO (1981), LIMA (1979), confirmam este acontecimento no mesmo ano representado pelos atores sociais.

²² MAIA, Jr. Raul, PASTOR, Nelson. **Magno dicionário de Língua portuguesa**. São Paulo: Difusão Cultural do livro, 1995.

na junção do termo “vinte e seis” que fica evidente o sentido e definições específicas. Poderiam ser inúmeros acontecimentos do ano citado, mas são expressões articuladas que se referem a um acontecimento específico, ou seja, *A Coluna Prestes*.

Frente à violência que precedia o termo “revoltoso”, o ato de fugir se faz presente em consequência do medo, conforme podemos observar na passagem abaixo.

“...ai nós corria pro mato... nós levemo mais de dois méis no mato correno com medo de revoltoso na revolta...”...eles não fazia maldade... e no mesmo tanto fazia porque as veis nós corria pro mato... ficava lá no mato né... [dizia]... *“revoltoso evem no Guiné... nós corria pro mato... ai aqueles que não corria... ficava... eles marrava e ia botá na frente... “agora voceis vai da conta dos outros onde é que ta no mato”... né... a dúvida era essa...”* (Roberto, grifo nosso)

Semanticamente é estabelecido nesse fragmento quando se observa o contexto, o pronome “nós” seguido do verbo “correr”, uma marca lingüística própria das condições de produção deste depoente. Logo, “*correr para o mato*” e “*medo de revoltoso na revolta*” aparece como uma prática naturalizada no discurso de forma generalizada, “*revoltoso e vem no Guiné... nós corria pro mato...*”. Em outras narrativas, os sentidos envolvendo este episódio histórico, apresenta-se em condições de produção distintas, “os revoltosos vinham precedidos de uma fama tal que ninguém compreendia a possibilidade de não fugir.” (MORAES, 1973 apud Auto Sertão da Bahia nº 52, 1926). Nesse sentido, o imaginário flui na narrativa no presente, porém, no campo simbólico é ideológico, seus efeitos de sentidos estão presentes na memória de forma negativizada, pois não se fazem presente ao conhecimento deste depoente os porquês deste acontecimento no passado.

Nos fragmentos abaixo é possível observar as posições que a população ocupa no contexto discursivo.

“...tinha uma baxa aqui em riba que o finado Milto tinha uma baxa la... encontrô dois homi da finada Cassimira...

*esses dois homi... mandado da véa Cassimira que era
irmã de Horácio... Horácio Matos... Horácio de
Matos...morava em lençóis... eles ia pra lá buscá arma”*
(Marcos, grifo nosso)

*“passô... eles passaro aqui oia... nós aqui meu ...pai todo
mundo fugiu... nós aqui fugiu para um lugar chamado
Bana Vão das Palmeiras... esse Vão das Palmeiras que
tem ai enriba... nós mudô pra lá... (Leandro, grifo nosso)*

A população seabrense lembrada nas narrativas é representada categoricamente como antagonista, pois dá lugar a construções que não ocupam lugar em um campo privilegiado, de destaque nas relações de poder presentes nas narrativas, o que a identifica como a identidade de resistência, pois segundo RAMALHO e RESENDE (2013, p.78), constituem “atores sociais em situação desprivilegiada na estrutura de dominação”. Desse modo, encadeados ideologicamente aos efeitos de sentidos presentes no contexto discursivo pelas posições que ocupam, emergem nas narrativas, tornando coesos os efeitos de sentidos no discurso.

Dessa forma, pressupõe-se que “correr de medo” é consequência de ações maldosas provocadas por alguém. No fragmento que se segue reitera algumas construções: “*nós aqui...meu... pai todo mundo fugiu...*” (Leandro). Seu lugar de fala permite que se inclua no evento a partir do pronome “nós”, uma vez que há, além da presença de ator social, pai dele, observa-se que o próprio depoente presente na narrativa já estava com dez anos de idade²³ naquele momento histórico, além de generalizar ao incluir a expressão “*todo mundo*”, e o ato de fugir é, do mesmo modo, consequência, o que implica o espaço que estes ocupavam diante do problema assim vivido, não só por ele, mas pela maioria da população, definida desse modo, segundo Ramalho e Resende (2013) como “*identidade de resistência*”, ou seja, espaços nos quais estes atores sociais aparecem de forma desprivilegiada em relação a estruturas de dominação. Onde há focos de lutas, há as instabilidades.

²³ Leandro nasceu em 1916 e a passagem da Coluna Preste se deu em 1926.

É desse modo que, ainda segundo Ramalho e Resende (2013) a “identidade de resistência” pode se transformar em uma “identidade de projeto”, uma vez que permite que atores sociais redefinem suas posições no campo social quando resistem à dada dominação. Nesse contexto, é possível observar uma relação consensual entre os demais depoentes; os “revoltosos” estavam para os legalistas, assim como a população estava para os revoltosos nas relações de resistências.

Por trás de um discurso há sempre outro preexistente, que faz referência ao “medo” atribuído à chegada dos tais “revoltosos”. Fica no imaginário apenas o que se conhece a respeito da *Coluna Prestes*, ou seja, o lado negativo, presente no medo, intimidação e impotência. Não saber o porquê daquele momento vivido por eles, torna-se inquestionável na medida em que o discurso hegemônico disseminado silenciava qualquer ato que não fosse o de correr, fugir. Falar de “revoltoso” é sinônimo de medo, fuga, violência, logo, o desconhecido dá lugar ao prático e permanece no silêncio, portanto é ideológico. Dessa maneira, apropria-se do discurso do outro através do abuso do poder, refletido na materialidade sócio-histórica destes atores sociais ao referir-se à construção de um inimigo estereotipado, ideologicamente disseminado pelo discurso através do “controle da mente”²⁴, favorável apenas aos discursos tendenciosos e manipuladores como forma de sustentação hegemônica.

É nesse contexto que a imagem dos coronéis constrói através da linguagem as relações de poder como forma de controle da mente da população local, diante das posições sociais que aqueles ocupavam, legitimados pelo discurso oficial no contexto social. A imagem da *Coluna Prestes* passa a ter um sinônimo, “revoltoso”, termo constituído por pequenos grupos aqui identificados como as “elites simbólicas” DIJK (2012). Nessa perspectiva, essas elites fazem do discurso um instrumento para sua sustentação hegemônica, assim, o termo “revoltoso” passa do campo simbólico para o prático, transformando-se ideologicamente numa categoria instituída e real. Dessa forma, “revoltoso” apresenta-se de maneira diferenciada ao associar-se a indivíduos ou grupos que representam um desafio real à permanência de dada dominação e aparece como o expurgo do outro, ou seja, um inimigo que deve ser combatido por ser considerado uma ameaça ao poder hegemônico. Por conta disso, a apropriação desse

²⁴ “Aprendizagem, persuasão, manipulação ou doutrinação” (DIJK, 2012, p. 20)

discurso leva a população local a combatê-lo coletivamente, sob o efeito da manipulação e do abuso do poder, ambos disseminados e instituídos pelas elites simbólicas.

A luta hegemônica travada no/pelo discurso é uma das maneiras de se instaurar e manter a hegemonia. Quando o abuso de poder é instaurado e mantido por meio de significados discursivos, está em jogo a ideologia. (RAMALHO & RESENDE, 2011, p. 24)

As elites simbólicas são representadas nas narrativas como vozes que tinham uma ascensão social em relação às populações locais. Do mesmo modo, não difere das relações de poder que grandes personalidades, sejam representantes de instituições públicas ou privadas, e seus discursos autorizados, instauram em qualquer relação em que se faz presente o homem no tempo ou espaço. Assim, são destacados pelas mesmas razões já instituídas no campo do controle do discurso. Logo, os sujeitos e discursos representados nas narrativas são por vezes respeitados e até dependentes na medida em que estão suscetíveis a articulações discursivas instauradas hegemonicamente.

Associadas aos termos que sucedem, dão significado próprio, dessa forma, fazem-se presentes nas narrativas: Horácio de Matos, Manoel Fabrício, Heliodoro e Doca Medrado, todos patenteados como coronéis e moradores da Chapada Diamantina, influentes no cenário político dentro do mesmo contexto histórico em questão.

*“... queria vim pra Campestre... Campestre e Cochó... é o que eles vinha tudo atrais... de **Manoel Fabrício** esses povo que era **chefe** de jagunço né...”* (Roberto, grifo nosso)

*“... esses dois homi... mandado da véa Cassimira que era irmã de Horácio... **Horácio Matos**... Horácio de Matos...morava em lençóis... eles ia pra lá buská arma”* (Marcos, grifo nosso)

*“... eu acho que ocê as veis é mais novo ai não sabe mais nesse todo ai pra traz ai nesse Brasil quase toda cidade grande tinha um **chefe** de jagunço... aqui era **Horácio de Matos... Manoel Fabrício... tinha Heliodoro no Malheiro... Mucugê tinha esse... Doca Medrado e todo lugar tinha... eles saiu andano... os governo...***” (Leandro, grifo nosso)

Associados aos termos nomeados acima, observa-se que a presença do termo “chefe”²⁵ presente no primeiro e terceiro fragmento, conota autoritarismo, associado interdiscursivamente a algo que foi dito em outro lugar de outra forma, o que permite atribuir o termo para referenciar outras relações de poder societal em outro contexto. Um termo utilizado tanto pelas expressões populares “quem tem chefe é índio”, ou ainda, “o chefe de família”, quanto elaborado para distinguir posições nos mais variados campos, seja na ocupação funcional ou não, mas o tem como algo já instituído. É uma expressão institucionalizada de significado próprio, assim designado para representar pessoas que ocupam lugar de destaque em dada sociedade ou meio que o constituiu. De outro modo, o termo representado pelo ator social é restritivo a pequenos grupos que representam a classe dominante, seja nesse contexto ou em outra maneira de exposição discursiva, aqui apresentados pelos mesmos efeitos de sentidos ao representar tais atores sociais e posições que estes ocupam no momento histórico em análise, “seu poder simbólico é também uma forma de poder ideológico” DIJK (2012, p. 45).

A presença dos coronéis nas narrativas revela suas posições no cenário construído pelos depoentes, fundada pelo estatuto do sujeito que lhe confere autoridade pessoal, que é instituída na atividade discursiva através da força persuasiva e manipuladora, permitindo-lhe o domínio e a sobreposição aos demais atores sociais presentes nas narrativas. Evidencia, ainda, sua presença dentro do contexto histórico e

²⁵ Peça principal contida no terço superior do escudo. (MAGNO Dicionário da Língua Portuguesa, 1995, p.257)

político ao configurar contradições acerca dos efeitos ideológicos advindos das suas práticas em comum acordo com as condições de produção de cada depoente ao construir a imagem desses coronéis.

Desse modo, quando os moradores representam a passagem da *Coluna Prestes* apropriando-se do termo “revoltoso”, deduz-se que este se apresenta sob uma perspectiva estereotipada em um campo semântico que predomina no imaginário desses testemunhos. Por isso, a representação generalizada e dialógica das narrativas naturalizada no discurso, permanece como uma prática comum, já cristalizada no imaginário dos depoentes. Nessa perspectiva, ao lembrar-se desse fato histórico, “não está descansando, por um instante, das lides cotidianas, não está se entregando fugitivamente às delícias do sonho: ele está se ocupando consciente e atentamente do próprio passado, da substância mesma da sua vida” (BOSI, 2004, p. 216), ou seja, são representações que estão presentes na memória e vivenciadas no seu contexto histórico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desse estudo, analisou-se até que ponto um acontecimento histórico pode interferir em dada sociedade que está suscetível a pequenas ou grandes transformações ideológicas a partir de representações construídas discursivamente. E como a memória contribui para entender as assimetrias, que, enquanto campo discursivo, silenciam vozes que são construídas em posições desprivilegiadas.

Desse modo, a análise das narrativas acerca da *Coluna Prestes* permitiu identificar, no imaginário dos sujeitos ouvidos, os reflexos ideológicos dessas representações como práticas sociais naturalizadas a respeito do momento em que o País atravessava.

A Análise Crítica do Discurso contribuiu para que fosse possível fazer uma reflexão acerca das representações discursivas analisadas, observando as condições de produção e o jogo ideológico do contexto histórico que se fez presente a *Coluna Prestes*, mostrando a importância dos estudos críticos do discurso, os quais aparecem como uma abordagem situada no campo dos sentidos, confirmando o espaço onde as relações de poder se instauraram e que tais reflexões serviram para pensarmos no quanto e como o discurso é carregado de ideologia, por vezes, é naturalizado num

campo semântico particularizado, surgem como peças fundamentais compreender essas relações ideológicas.

Comprovou-se ainda, o quanto o termo “revoltoso” se apresenta materializado no discurso como algo estereotipado no imaginário quando representa a *Coluna Prestes*. Isto contribuiu para identificar a relação distorcida que o termo tem com o contexto histórico e como são articulados nas narrativas, reforçando um lugar desprivilegiado para uns, a população local e de prestígio para outros, “legalistas” e os “revoltosos”.

Frente às impressões observadas nas narrativas, observa-se que este é um campo pouco estudado à luz da ACD. Portanto, este trabalho sugere que seja ampliada para as demais regiões nessa mesma perspectiva do discurso para tornar público às marcas que permeiam o imaginário dos sertanejos brasileiros, visto que os reflexos deste acontecimento se deu em sua maioria em cidades do interior do País.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994. p.197-221
- BOSI, Ecléia. **Memória e sociedade: Lembranças dos velhos**. 3 Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CONTINUA preenchida a luta entre os revoltosos e as forças legalistas nas Lavras Diamantina. Bahia. **Diário da Bahia**, 04 de Abr. 1926 n.75 p.1
- DIJK, Teun A. van. **Discurso e poder**. 2. Ed. 1ª reimpressão. São Paulo, 2012.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Unb, 2001.
- JUNIOR, Mário C. M. Lanna. **Tenentismo e crises políticas na Primeira República**. In: **O Brasil Republicano: O tempo do Liberalismo excludente: da Proclamação da República à Revolução de 1930**. (Org.) Jorge Ferreira e Lucilia Delgado 3ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, p. 315.
- GAGNEBIM, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer** – São Paulo: Ed. 34, 2006.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto**. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1997.

LIMA, Lourenço Moreira. **A Coluna Prestes (Marchas e Combates)**. São Paulo. Ed. Alfa-Omega, 1979.

MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de pesquisa: Planejamentos e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados** – 6 ed. São Paulo: Atlas, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização** – 7 ed.- São Paulo: Cortez, 2007

MORAIS, Walfrido de. **Jagunços e heróis: a civilização do diamante nas lavras da Bahia**. 4. ed. Bahia: EG BA; IPAC, 1991.

OLIVEIRA, Ivan Guanais de. **Campestre do coronel e o poder das oligarquias**. Salvador: Cotexto & Arte, 2007.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos**- Campinas – SP: Pontes, 6ª Ed. 2005.

ORNELLAS, Maria de Lourdes S. **(Entre)vista: a escuta revela** – Salvador: EDUFBA, 2011. P. 81.

PRESTES, Anita Leocádia. **Uma epopéia brasileira: a Coluna Prestes**. 2.ed- São Paulo: Expressão Popular, 2009.

RAMALHO, Viviane; RESENDE, Viviane Melo – **Análise do discurso (para a crítica: O texto como material de pesquisa)**. Campinas, SP: Pontes Editora, 2011.

_____. **Análise do Discurso Crítica**. 2. Ed. 1ª reimpressão - São Paulo: Contexto, 2013.

TALVEZ a hora extrema das incursões! Bahia. **Diário da Bahia**, 08 Abr. 1926 nº 78 p.1

THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura Moderna**. Petrópolis: Vozes. 1995.

TRAVA-SE formidável batalha nos sertões bahianos. Bahia. **Diário da Bahia**. 01 de abr. 1926 nº73 p. 1.